



Volume II, número 2, jul-dez, 2021, pág.298-316.

AGRICULTURA CAMPONESA E CULTURA POPULAR NA AMAZÔNIA: UM ESTUDO SOBRE O FESTIVAL FOLCLÓRICO DO CARÁ EM CAAPIRANGA (AM)

Gabriel Augusto Nogueira dos Santos

Fernando Monteiro Melo

Resumo: A manifestação cultural relacionada ao cará em Caapiranga carrega consigo elementos do fortalecimento e da resistência do modo de vida camponês e a cultura popular como forma de valorizar a produção do tubérculo e a cultura da Amazônia. Os objetivos deste artigo são pautados na identificação, análise e compreensão das relações existentes no âmbito cultural e econômico no município, localizado na região do Rio Solimões. A metodologia é baseada na revisão de literatura e coleta de dados em âmbito primário e secundário, cujos aspectos estão presentes nas relações dos papéis sociais, em uma visão qualitativa. A partir disso, nota-se uma forte influência do capital tanto na agricultura camponesa, quanto na mercantilização da festa popular, a partir das influências das demais manifestações populares da Amazônia. Portanto, o município de Caapiranga acaba por sofrer diversos impactos relacionados ao capital, tornando a resistência, tanto no campesinato, quanto na festa popular, uma chave de alianças para a valorização e expressão da economia e cultura do município.

Palavras-chave: campesinato; festa popular; resistência; agricultura; Amazônia.

AGRICULTURE, POPULAR CULTURE AND PEASANTRY: AN ANALYSIS OF THE CARÁ FOLKLORE FESTIVAL IN CAAPIRANGA (AM)

Abstract: The cultural manifestation related to Cará in Caapiranga carry elements of the strengthening and way of life resistance and popular culture as a way of valuing tuber production and the culture of the Amazon. These objectives in the article based on the identification, analysis and understanding of the existing cultural and economic relations in the municipality, located in the Rio Solimões region. The methodology based on literature review and data collection at the first and secondary levels, based on qualitative aspects, related to the existing social roles. From this, there is a strong influence of capital both in peasant agriculture and in the commercialization of the popular festival, based on the influences of other popular manifestations in the Amazon. Therefore, the municipality of Caapiranga ends up suffering several impacts related to capital, making resistance, both in the peasantry and in the popular festival, a key to alliances for the valorization and expression of the municipality's economy and culture.

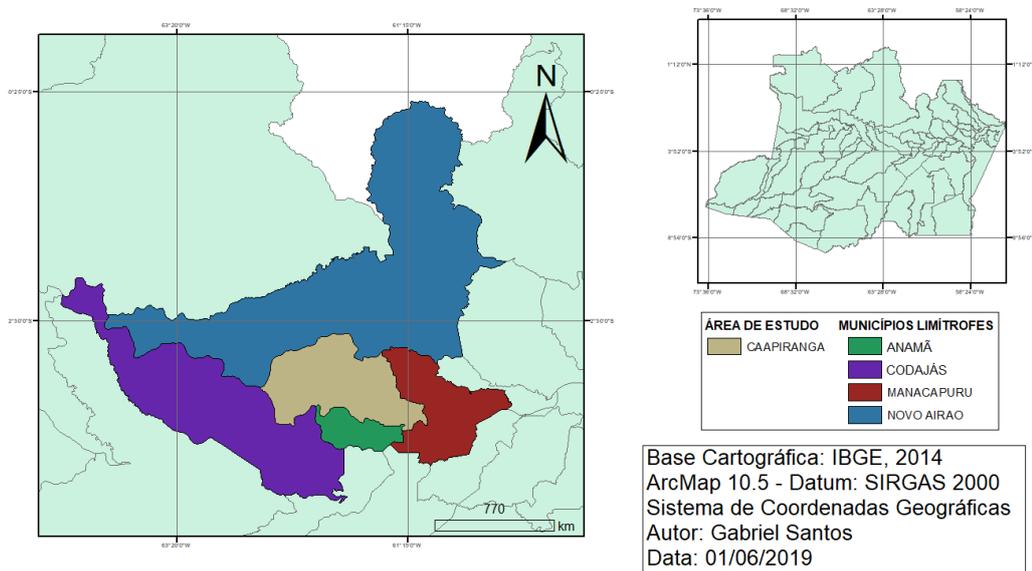
Keywords: peasantry; popular festival; resistance; agriculture; Amazônia.



Introdução

O município de Caapiranga, localizado na região do Rio Solimões (figura 1), contém cerca de 12.877 habitantes, segundo o IBGE (2018). A etimologia do nome do município é relacionada aos seus primeiros habitantes, os Muras e a questão da língua Tupi, onde caa = folha, piranga = vermelha, colorida ou ensanguentada, cujo nome significa folha vermelha, presente na região durante a sua colonização.

Figura 1: Mapa de localização da área de estudo



Organização: Autores, 2019.

A questão econômica do município, conforme o IBGE (2018), é baseada principalmente nos aspectos da agricultura, acerca da qual Teixeira (2017, p.64) destaca os seguintes a produção de malva, mandioca, cará da terra (cará branco e cará roxo), milho, açaí, banana e melancia. Entretanto, uma das principais dificuldades refere-se ao escoamento da produção, limitando a circulação da sua produção aos municípios próximos e à cidade de Manaus.

É dentro desse contexto econômico e produtivo que identificamos a presença da produção familiar como a principal relação social de produção do município. Nossa abordagem teórica é a do campesinato, buscando compreender essas relações de produção a partir do modo de vida camponês, pois, entendemos que é a partir dessa



produção que os camponeses retiram os alimentos de todos os membros da família onde, ao mesmo tempo, os integrantes familiares exercem papel fundamental no processo produtivo.

A valorização da produção familiar local é caracterizada principalmente pelo Festival Folclórico do Cará, em referência a produção do Cará da terra (cará branco e cará roxo). Criado em 2001 e reformulada em 2006, o festival passou a ser realizado nos moldes do Festival Folclórico de Parintins. A partir da reformulação ocorrida em 2006, foram criadas as agremiações Cará Branco e Cará Roxo como retrato da produção e com encenações voltadas ao imaginário da Amazônia e valorizando a colheita do município.

O presente artigo é resultado do trabalho final da disciplina “Folclore e Cultura Brasileira” cursada em de 2018 na Faculdade de Artes da Universidade Federal do Amazonas. O objetivo está centrado em compreender as relações sociais de produção do município de Caapiranga em relação com o Festival do Cará, onde será dado enfoque às relações camponesas a partir da produção familiar local e da importância da festa como patrimônio cultural do município e suas especificidades.

Posto isso, a revisão de literatura e as fontes primárias são destacadas como um dos aspectos principais para o contexto geral, além das entrevistas aos membros das agremiações – ocorridas de formas informais – e dados secundários relacionados ao Festival como uma das metodologias aplicadas para a construção do artigo.

Campesinato na Amazônia: uma breve discussão teórica

Para entendermos a questão da reprodução do modo de vida camponês em relação com a cultura caapiranguense, se faz necessário compreendermos o conceito de campesinato em sua generalidade e analisarmos a sua manifestação nas relações sociais da Amazônia, em particular, no município de Caapiranga no estado do Amazonas.

Para Shanin (2005), o camponês não existe em suma materialidade, ele é apenas uma mistificação em que há diferenças desses sujeitos sociais de um espaço para o outro. Nesse sentido, “o camponês não é uma realidade estática” (MARQUES, 2008,



p.49), existe enquanto processo, estando ligado às condições históricas específicas da sociedade.

Oliveira (1997) corrobora o nosso entendimento ao destacar a necessidade de compreendermos o campesinato enquanto classe social intrínseca ao modo de produção capitalista. No sentido de que, essa classe social em sua singularidade

[...]se manifesta na experiência única de reprodução, a qual se baseia no próprio controle sobre o trabalho e sobre os meios de produção. É o que lhes permite conservar a capacidade de produzirem seus próprios meios de vida, ainda que as condições concretas de reprodução de cada família nem sempre o determine. (PAULINO, 2006, p.16).

Ou seja, a agricultura camponesa enquanto classe social e modo de vida apresenta suas próprias relações sociais de produção que passam a ser regidas pela lógica do modo de produção capitalista, de forma direta (subordinada a determinada produção) ou de forma indireta (via comercialização de sua produção no mercado).

Em relação ao campesinato na Amazônia, Cruz (2007) destaca que há variações nas nomenclaturas para se referir aos camponeses da região. Para o autor, se destacam o homem-anfíbio, o ribeirinho, o caboclo-ribeirinho, vide questão da localização de sua moradia, nas áreas de várzea, margens dos rios ou na terra firme. A formação do campesinato na Amazônia, principalmente a partir das “Drogas do Sertão” e a sua consolidação, se relaciona com as diversas mudanças socioespaciais existentes na região. E, um desses aspectos é principalmente relacionado à sua adaptação e reprodução do modo de vida diante das lógicas do capitalismo contemporâneo (CRUZ, 2007; NASCIMENTO, 2016).

Aqui podemos destacar um processo dialético, onde ocorre a subordinação do campesinato às lógicas do capital, mas que também se manifesta como uma via de resistência e reprodução ao modo de vida camponês. Paiva (2009) aponta que, não há espontaneidade nesse processo, mas que essa subordinação do campesinato para com as relações capitalistas de produção está diretamente relacionada à necessidade de sobrevivência da classe social em questão. Claro que não para a valorização capitalista



do capital, mas sim para a reprodução do modo de vida camponesa em sua especificidade social.

Nas unidades camponesas existentes, podemos destacar a existência de duas relações de trabalho: (i) a nuclear, cuja composição é de cônjuges e seus filhos e (ii) a extensa, que relaciona diversas famílias dentro de uma estrutura unificada.

A partir desse aspecto, são presentes as diversas relações de trabalho para o alavancar da produção, tais como:

- A. Ajuda mútua – relacionada aos mutirões e à ausência de rendimentos monetários para pagamento;
- B. Parceria – divisão de custos e ganhos relacionados à ampliação das áreas de cultivo e aumento de rendas;
- C. Trabalho acessório – fonte suplementar de renda na sociedade camponesa em um determinado período;
- D. Trabalho assalariado – período que exige rapidez na colheita e poderá ser permanente.

Essas formas de relações de trabalho são de suma importância, tanto em aspecto de produtividade das terras, quanto na reprodução do modo de vida ao longo das unidades camponesas. Além disso, destaca-se também a presença da divisão de trabalho que se manifesta em forma de parceria, na qual a questão do lucro, após a comercialização da produção, é formalizada a partir das verbalizações entre as famílias envolvidas no processo produtivo (CRUZ, 2007; CASTRO, 2011; NASCIMENTO, 2016).

Dentro dessas relações de produção que se fazem presentes na realidade amazônica, a questão do escoamento da produção é de suma importância ao desenvolvimento da dinâmica da reprodução do modo de vida camponês. As relações de produção e comercialização são realizadas nas seguintes conjunturas (Figura 2), em que se destacam a figura do “atravessador”, que possui forte ligação com a territorialização do capital, onde os preços tendem a serem ditados para a comercialização do produto (CRUZ, 2007; COSTA, 2017; SERRÃO, 2018).

Figura 2: Fluxograma cadeia produtiva do campesinato amazônico





Elaborado a partir de: Cruz (2007), Costa (2017) e Serrão (2018).
Organizado por: Autores (2019).

Um dos aspectos a se destacar é a tentativa dos camponeses de se livrarem da dependência dos atravessadores, principalmente pela dependência dos preços ditados e a necessidade de valorização da produção existente.

Como exemplo a ser tratado, as análises desenvolvidas por Costa (2017) acerca da importância do gerenciamento das cadeias produtivas da biodiversidade e o campesinato na Amazônia, se fazem importantes para a nossa argumentação. O autor destaca que,

[...] os processos dominantes de mercado produzem uma forte exclusão social, seja no campo ou na cidade, principalmente quando o polo gravitacional da reprodução do modo de vida é uma cadeia produtiva, elemento de mercado e na lógica do capital deve haver lucro, e isso ocorre com extração de renda da terra e da mais-valia. [...] Isso como elemento do processo de reprodução do campesinato amazonense com cadeias produtivas oriundas da biodiversidade, que ocorre não somente na produção e reprodução social, mas também na apropriação de instituições, associações e cooperativas, influenciando políticos a fazerem políticas específicas e até editais de pesquisa que abordem algo de sua espacialidade, seja na economia, na política e na pesquisa (COSTA, 2017, p. 17-18).

Portanto, na conjuntura dos últimos anos, principalmente nas regiões do Rio Solimões e no baixo Amazonas, o cooperativismo, como forma e meio de fortalecimento de uma cadeia produtiva da biodiversidade, ganha maior notoriedade, principalmente a partir dos incentivos à produção por parte dos governos estaduais. Serrão (2018) destaca que as cooperativas no Amazonas significam uma saída para a comercialização da produção, além de livrarem os produtores camponeses da dependência aos atravessadores, como única opção para comercialização, os camponeses produtores constroem uma autonomia no escoamento e comercialização de seus produtos.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

O Festival do Cará em Caapiranga (AM): sobre a reprodução do modo de vida camponês, cultura popular e mercantilização cultural

Antes de tratarmos diretamente do Festival do Cará como cultura popular que se manifesta em fortalecimento e resistência do modo de vida camponês, se faz necessário compreendermos as dinâmicas de reprodução do modo de vida dos produtores familiares da região. Segundo o IBGE (2010), cerca de 5.835 habitantes vivem na área rural, divididos em cerca de 54 comunidades, conforme descreve o IDAM (2014), destacando-se as seguintes: Membeca, as localizadas na Estrada Ari Antunes, Santa Maria, Santo Afonso, Vila São José de Araras.

Castillo e Frederico (2010), apontam ser primordial a identificação da atividade produtiva dominante, os agentes envolvidos e seus círculos de cooperação, a logística, o uso e a organização do território em que os objetos de estudos estão sendo analisados. As principais atividades econômicas do município podem ser destacadas por Pontes (2015, p. 61) e Teixeira (2017, p. 64) nas seguintes conjunturas: agricultura, pecuária, pesca, avicultura e extrativismo vegetal, destacando tanto para sua subsistência, quanto para o mercado.

As atividades econômicas desenvolvidas no município são diversas, contudo, a produção de renda encontra-se centrada na agricultura de lavouras permanentes de cacau, coco-da-baía, goiaba, laranja, limão, mamão, maracujá e lavouras temporárias de abacaxi, feijão, juta, malva, melancia, milho, mandioca e no extrativismo a madeira e açai. (TEIXEIRA, 2017, p. 64-65)

Castro (2011, p.48) e Teixeira (2017, p.64) destacam que algumas dessas culturas existentes no município são necessárias apenas para aspectos domésticos, que não suprem a demanda do município, assim trazendo uma certa dependência dos municípios de Manacapuru ou até mesmo da capital, Manaus.

A concentração das atividades agrícolas e dos Sistemas Agroflorestais, relacionados à produção camponesa, se dá nos formatos em que,

[...] as comunidades do município de Caapiranga que realizam atividades agrícolas, na sua maioria, possuem plantio de cará (*Dioscorea* spp.) algumas são para subsistência, outras, para a



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

comercialização, entretanto as localidades que mais se destacaram na produção, principalmente para comercialização são as propriedades ao longo da estrada Ary Antunes, localidade do Membeca (comunidades: Nova Canaã, Monte das Oliveiras e São Jorge) e as do lago de Caapiranga (Maloca, Monte Alegre e Patauí). Dentre essas a maior produção é oriunda das unidades produtivas que ficam localizados no lago de Caapiranga, com destaque para a Maloca. (CASTRO, 2011, p.52).

É no conjunto desses fatores que o Festival do Cará surge como objeto de relevância em nossa análise – da transformação de uma feira agrícola ao contexto do Festival Folclórico – cuja caracterização ganhou novos formatos ao longo dos anos e levou notoriedade à produção do tubérculo.

A nossa compreensão acerca do Festival do Cará em Caapiranga é de que, a manifestação da festa como uma estrutura socioeconômica surge como possibilidade de reprodução do modo de vida camponês caapiranguense, a partir da cultura popular como fortalecimento e resistência frente as transformações sociais, econômicas e políticas que o campesinato sofre ao decorrer do processo histórico em que se encontram as transformações no espaço amazônico.

Acerca da cultura popular como forma de fortalecimento e resistência do modo de vida camponês, Silva, Lima e Santos (2016) escrevem que,

[...] compreender a cultura popular implica no fato dela implicar nos conflitos entre a cultura hegemônica e a cultura popular, através de um processo quase simbiótico, no qual se mostram interpenetrados e que envolvem fenômenos comunicativos e/ou econômicos e sociais (LIMA, SILVA e SANTOS, 2016, p. 6).

E que nesse sentido, a cultura se manifesta como elemento de valorização da identidade camponesa local, em manifestações culturais específicas. Justamente pelo fato de a cultura possuir um importante papel diante do conflito de interesses entre o capital e a sociedade, se manifestando como uma ferramenta contra-hegemônica que pode ser compreendida como “conhecimentos, técnicas de transformação da natureza, valores, crenças de todo tipo, normas, ou seja, o modo de vida próprio de cada povo” (LIMA, SILVA e SANTOS, 2016, p. 6).



Nesse sentido,

[...] a cultura popular [...] reveste-se de uma forma de linguagem de luta e resistência no fortalecimento de sua identidade quando nos referimos aos agricultores tradicionais que habitam em territórios vividos em todos os aspectos: produção, reprodução, política, economia, socialização e manifestações culturais (LIMA, SILVA e SANTOS, 2016, p. 8).

Em relação ao Festival do Cará em Caapiranga, inicialmente quando se pensou a criação do festival, o mesmo possuía outra identificação. Em 2001, conforme descreve Machado (2011, p.12), a festa começou em uma quadra poliesportiva de uma escola do município e na praça da Igreja municipal. A derivação inicial contava com gincanas, atrações musicais e o principal elemento: a escolha da “Rainha do Cará”¹, a qual era oriunda das escolas do município e das comunidades produtoras.

Esse formato perdurou até o ano de 2005, quando os idealizadores, juntamente com políticos locais, pensaram na transformação em festival, a partir de novas simbologias e imaterialidades, fomentando uma perspectiva nova na cidade. Conforme descreve Machado (2011, p.13), foram criadas duas agremiações, às quais Farias (2015, p.98), destaca sua origem a partir das duas principais escolas do município: a agremiação Cará Roxo (Grupo Recreativo e Folclórico Império de Yam), representando a Escola Estadual Carmina de Castro, e o Cará Branco (Grêmio Recreativo e Folclórico Cará Branco), representando a Escola Estadual Hermógenes Saraiva, conforme visto nas cores a seguir.

Figura 3: As agremiações que disputam o certame em Caapiranga



¹ A partir da agremiação



Fonte: GRF Cará Branco e GRF Império de Yam – Cará Roxo (2019)

A partir disso, as agremiações passaram a disputar os títulos do Festival em 2006, cuja característica é a afirmação como expressão cultural do município e a valorização a partir das temáticas e realidades amazônicas (MACHADO, 2011).

Com isso, foram catalogados os temas abordados na arena desde a sua reformulação (Quadro 1).

Quadro 1: Temas abordados no Festival do Cará desde 2006

ANO	G.R.F CARÁ BRANCO	G.R.F IMPÉRIO DE YAM – CARÁ ROXO
2006	O Canto de Ynaue, a Lenda do Cará Branco	Cará Roxo: uma verdadeira riqueza produzida pela natureza
2007	A Saga das Famílias Guerreiras - Natureza Perfeita	Cará, origem, cultura e festa uma viagem pelo seio da mãe terra
2008	Terra do Cará, berço de Grande Mistério*	O Imaginário Caboclo*
2009	Caapiranga Meu Encanto, Um Sonho Caboclo	Cosmogonia Indígena, a revelação da divina criação
2010	O Eldorado Encantado que brota no Solo Fértil De Caapiranga	Do Ventre da Mãe Terra o Imaginário a revelar
2011	Veneza, uma odisséia Cabocla	Criação Cabocla: cenário da vida Amazônica
2012	NÃO HOUE FESTIVAL**	
2013	Caapiranga, um Grito Caboclo	Caboclos Ribeirinhos: Histórias, Costumes e Crenças
2014	Araras: uma Gênese Cabocla	O Futuro como será? Nas asas do Tempo, uma utopia Carandeira
2015	Fantástica Amazônia: O DNA da	Terra Mãe dos frutos de Gaia, a criação da



	Vida	Amazônia
2016	NÃO HOUE FESTIVAL**	
2017	NÃO HOUE FESTIVAL**	
2018	Caapiranga: Identidade e Tradição Cabocla*	Das lutas e glórias, Cará Roxo conta a sua História*
2019	NÃO HOUE FESTIVAL**	
2020	Alamoah: uma viagem folclórica***	Das lutas e glórias, Cará Roxo conta a sua História (reedição do tema de 2017/18)***

*Não houve disputa nesses anos.

**Não houve festival nesses anos por falta de verba e problemáticas políticas.

***Devido a pandemia de COVID-19, houveram apenas apresentações em formatos de Lives.

Fonte: Membros das Agremiações, entrevista realizada em 2019.

Organizado pelos autores (2020).

Falar do Festival do Cará é pensar em suas influências e originalidade. Machado (2011, p. 28), destaca a “globalização cultural” nesse sentido, visto que a difusão se torna cada vez mais rápida. Isso é característico, principalmente pelo evento ter uma ligação em alguns pontos com o Festival de Parintins, este realizado desde o ano de 1965.

Pellegrini (1995, p. 71) destaca nesse processo, em âmbito nacional, a questão de novos traços na vida cultural brasileira, mesmo que essa inserção do capital tem se dado de forma tardia. Nesse sentido, a autora destaca a circulação de novas ideias e ideologias, impactando aspectos econômicos e sociais e trazendo novas conotações a produção cultural do país e seus diversos significados vinculados a essa necessidade de inserção do Capitalismo em um país considerado ainda “periférico”.

Nessa interligação com as grandes festas populares, a questão dos ritmos, letras e músicas passam uma interligação muito forte. No caso de Caapiranga, destaca-se a presença do ritmo da ciranda, mas Machado (2011, p.29) analisa no processo de percurso do festival, a presença do carimbó e também de arranjos mais modernos no



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

estilo da Guitarra, na qual são denominadas de “Carandadas” e seus dançarinos, denominados de “Carandeiros” (figura 4).

Figura 4: Apresentação do Cará Roxo (Live de 2020)



Fonte: GRF Cará Roxo - Facebook.

Além desse aspecto, é analisada a forte relação também com as questões políticas locais, podendo se tornar favoráveis ou não. Machado (2011, p.30) destaca também que o planejamento para a superação das expectativas só poderá se concretizar, caso haja o não desviar o objetivo original. Neste caso, destaca as possíveis questões de interesses políticos em levar o nome na manifestação do povo, o que pode ocorrer devido à existência dos poderios locais ou “novo coronelismo” existente na Amazônia.

Essas questões políticas se tornaram presentes ao longo dos anos no Festival. Os anos de 2008 e 2018 marcaram eventos sem disputa de título entre as agremiações, enquanto que nos anos de 2012 e desde 2016 não houve a realização do evento propriamente ditos (em 2018 foram apresentações sem disputa e em 2020, devido a pandemia, reduzidas para uma Live Simbólica).

Conforme explicam os brincantes de ambas as agremiações, as questões políticas dentro do município e a falta de apoio na distribuição do evento acabam por condenar o



mesmo a certa instabilidade e um medo da extinção da principal identidade cultural do município, a qual movimenta toda a população. Nesse sentido, Durand (1994) destaca a necessidade de uma profissionalização do âmbito cultural, vinculados a uma competência e sem vínculos políticos, o que impacta na organização e no papel da cultura como bem da sociedade e da cidade.

Souza e Bahl (2011, p. 30) destacam o papel da conservação do patrimônio ainda com um formato apenas material, a partir das estruturas já vigentes, o que difere do imaterial e simbólico, como é o caso do Festival Folclórico de Caapiranga. A partir disso, os debates acerca da continuidade da festividade, aliadas também as redes culturais existentes a partir de eventos já consolidados, traz a questão de uma política pública voltada a cultura, como percebido na figura a seguir.

Figura 5: Apresentação do Cará Branco em 2018 – não valia disputa



Fonte: GRF Cará Branco – Página Oficial (2018).

Um dos aspectos também levados em pauta é a relação do “fetichismo” em relação à Amazônia. As festas da região, em muitos casos, conforme analisam Nogueira (2009, p.95) e Machado (2011, p.37), relacionam principalmente as questões da preservação ambiental e da valorização da cultura cabocla amazônica, conforme visto na figura abaixo.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

A partir dessa inspiração, o Festival ganhou a disputa entre as agremiações e com características que incluem as lendas e também a valorização do produto. A realização se dá na época da colheita, no mês de setembro, especificamente entre os dias 5 e 7, época dos feirados de Elevação do Amazonas a Categoria de Província e a Independência do Brasil, atraindo um número de turistas dos municípios próximos e da capital, Manaus.

Ao longo dos anos, ganhou um espaço próprio, denominado de Caródromo. Nogueira (2009) e Machado (2011) notam que a construção do espaço para a realização da festa é inspirada nessa difusão do que é o festival de Parintins. Além disso, destaca a toponímia existente, conforme analisam Alves et al. (2010, p.10), é a relação com o simbólico e o lúdico ou a alguma característica, onde no caso de Caapiranga, é definido como o local de apresentação dos dois Carás.

Outro aspecto existente são os itens apresentados, assim como em Parintins e em Manacapuru, os mesmos são avaliados por um corpo de jurados e são destaques durante toda a apresentação. A seguir, os itens existentes no Festival do Cará, que contém as peculiaridades relacionadas ao município e suas características.

Quadro 2: Itens existentes no Festival Folclórico do Cará

ITEM	CARACTERÍSTICA
Rei do Cará	Considerado o contador de histórias da região e o dono do melhor Cará produzido na região. Simboliza a força e virilidade.
Rainha do Cará	Simboliza a ligação entre o Cará e a apresentação, com beleza e charme.
Porta-Estandarte	Carrega o símbolo da agremiação e do tema proposto pela agremiação.
Deusa da Colheita	Representa a produção, a fartura e a fertilidade do solo, carregado de beleza e sensualidade.
Musa Carandeira	Simboliza a beleza e o charme da beleza do Cará.
Comissão de Apresentação	Cordão de entrada da apresentação dos Carás.
Cordão de Carandeiros	Composto por 25 a 50 pares, juntos ou individuais com passos sincronizados.



Originalidade e Criatividade	Quesito que engloba indumentárias dos itens e carandeiros, além das alegorias.
Torcida Oficial	Simboliza a paixão pela agremiação, peça chave para a apresentação.
Alegoria	Estrutura relacionada a evolução de itens ou cenário para as lendas e histórias.
Tema e Desenvolvimento	Contexto a ser apresentado no Caródromo, a partir do que foi proposto.
Conjunto Geral	Organização da agremiação como o todo: itens cênicos, alegóricos, Carandadas e membros.
Letra e Música (Carandada)	Retrata os cotidianos da região e os itens a evoluir na arena.
Banda Musical	Ligada com o cantor oficial e trabalha com os acordes das Carandadas.
Cantor Oficial	O que versa as Carandadas propostas no tema proposto.
Apresentador	Apresenta o espetáculo, entrando em contato com a torcida da agremiação que se encontra na arena.

Fonte: Machado (2011) e Membros das Agremiações (2019).

Organizado pelos autores (2019).

Esses itens são essenciais no desenvolvimento dos temas propostos nos anos. Cada agremiação ocupa um dia de apresentação na Arena, com o tempo de 02 (duas) horas e 30 (trinta) minutos para o desenvolvimento e evolução do seu tema. Nesse desenvolvimento, o papel dos “carandeiros”, denominação dos dançarinos, é de suma importância, contando com a presença de adultos e crianças na apresentação.

O entender do Festival, apesar de todo o processo de mercantilização capitalista existente, conforme analisa Nogueira (2009; 2013) e Machado (2011), compreende essa globalização cultural existente, baseada em impactos de uma inserção tardia do capitalismo, na qual se relaciona diretamente com o produto alvo.

A partir dessas questões, a necessidade de um resgate das políticas de produção, vinculadas as práticas culturais e simbólicas do município, se tornam cada vez mais atrativas ao potencial do município. Com isso, a cidade de Caapiranga vive um processo



de resistência camponesa em sua produção e no Festival, como uma forma de expressão da agricultura e da identidade cultural do município.

Considerações finais

Os aspectos relacionados a Caapiranga são relacionados principalmente com as demais festas populares existentes na Amazônia, no que trata de inspiração e mercantilização da mesma. Em um primeiro momento, é destacada a sua resistência, a partir da produção familiar camponesa e da presença da lógica mercantil-capitalista e suas relações na produção do Cará, a partir de fluxogramas presentes a partir da subordinação das unidades camponesas existentes na região.

Em outro momento, são destacados os processos de transformação e impactos do município perante a colheita e a festa popular, que a partir desse patrimônio, ganha novas conotações. Com isso, diversas forças passam a atuar, tanto de quem é envolvido na festa, quanto a presença das diferentes forças políticas existentes na região, que procuram se promover tanto no turismo, quanto em barganhas políticas para a realização do evento.

Portanto, a questão de resistência existente em Caapiranga é moldada em diversas frentes, gerando impactos sociais, econômicos, como o desenvolvimento do turismo, além da midiaticização do espetáculo, a qual mostra o produto como principal aspecto do desenvolvimento do município.

Referências

ALVES, J.A.; LIMA, S.P.M; COSTA JÚNIOR, W. R; MARINHO, R.R. Natureza, Sociedade e Cultura: A Amazônia (Re) inventada a partir de seus topônimos. **Ra'ega (UFPR)**, v. 1, n.19, p. 07-17, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/13975/11412> – Acesso em: 03 jul. 2019.

CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (3). dez, 2010. p. 461-474.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

CASTRO, A.P. **Agrodiversidade e cadeia produtiva do cará (*Dioscorea spp.*) na agricultura familiar: um estudo etnográfico no município de Caapiranga-AM.** 2011. 220 f. Tese (Doutorado em Agronomia Tropical) – Programa de Pós-Graduação em Agronomia Tropical, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

COSTA, L.F.B. **Cultivadores de guaraná: um estudo do processo de monopolização do território pelo capital no município de Maués-AM.** 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

COSTA, R.C. Cadeias Produtivas, Biodiversidade e Campesinato no Amazonas. In: COSTA, R.C; NUNES, C.V. (Org.). **Cadeias produtivas e seus Ambientes.** 1ed. Manaus: Editora INPA, 2017, v. 1, p. 17-32.

CRUZ, M.J.M. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia.** 2007. 261 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DURAND, J.C. **Profissionalizar a administração da cultura.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 36, n.2, p. 6-11, 1994.

FARIAS, A. L. S. O que dizem as carandadas: uma análise da construção dos personagens na música 'deusa da colheita'. **Revista Eletrônica Mutações**, v. 6, n.11, p. 96-105, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/relem/article/view/994> – Acesso em: 03 jul. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades:** 2018, Brasília. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/caapiranga> - Acesso em: 03 jul. 2019.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO E FLORESTAL SUSTENTÁVEL DO ESTADO DO AMAZONAS. **Aspectos de Caapiranga:** 2014. Disponível em: <http://www.idam.am.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Caapiranga-2012.pdf> – Acesso em: 03 jul. 2019.

LIMA, I. S.; SILVA, F. L.; SANTOS, J. R. **Folkcomunicação, Campesinato e Cultura Popular.** In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016.

MACHADO, A.N.R. **O Festival do Cará: Culturas e Manifestações Populares em Caapiranga – AM.** 2011, 58p. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

MARQUES, M. I. M. Agricultura e campesinato no mundo e no Brasil: um renovado desafio à reflexão. In: PAULINO, E. T; FABRINI, J. E. **Campesinato e territórios em disputa.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008, pp. 49-78.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

NASCIMENTO, D.G. Entre a terra e a água: modo de vida camponês no médio Rio Amazonas, Parintins-AM. 2016. 187 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

NOGUEIRA, W. Festas Amazônicas – boi-bumbá, ciranda e Sairé. Manaus: Editora Valer, 2009, 244p.

NOGUEIRA, W. A espetacularização do imaginário amazônico no boi-bumbá de Parintins. 2013. 244 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

PAIVA, A.M. Agricultura camponesa e desenvolvimento rural/local: um estudo da Organização de Juta e Malva na Várzea do município de Manacapuru. 2009. 130 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

PAULINO, E. T. Por uma geografia dos camponeses. – São Paulo: Editora UNESP, 2006.

[PELLEGRINI, T. Aspectos da produção cultural brasileira contemporânea. Crítica Marxista \(Roma\), São Paulo, v. 1, n.2, p. 69-91, 1995.](#)

PONTES, I.P.S. Sustentabilidade da Agricultura Familiar tradicional: um estudo nas comunidades ribeirinhas no Município de Caapiranga/Am. 2015. 157 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

OLIVEIRA, A. U. de. A agricultura camponesa no Brasil. 3.ed. – São Paulo: Contexto, 1997.

SHANIN, T. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. Revista NERA, Presidente Prudente Ano 8, n. 7. jul./dez. 2005. pp. 1-21.

SERRÃO, A.M. Colônias agrícolas e campesinato: raízes de uma nova territorialidade no médio Rio Amazonas, município de Urucará - AM. 2018. 185 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

SOUZA, S. R; BAHL, M. A conservação do patrimônio histórico cultural e os profissionais do turismo: uma relação possível. Revista Iberoamericana de Turismo, v. 1, p. 26-35, 2011.

TEIXEIRA, N.A. Práticas socioculturais e proteção do conhecimento tradicional associado ao uso de plantas medicinais em Caapiranga/AM. 2017. 134 f.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

Recebido: 30/9/2020. Aceito: 11/12/2020.

Autor

Gabriel Augusto Nogueira dos Santos - Mestrando em Geografia e Graduado em Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas. Atualmente é graduando em Tecnologia em Logística pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

E-mail: nogueira.gabriel01@gmail.com.

Fernando Monteiro Melo - Mestrando em Geografia e Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: fernando.monteirogeo@gmail.com.